

JUVENTUDES PLURAIS NA ESCOLA (DES)ORDENANDO TEMPOS E ESPAÇOS NA CONTEMPORANEIDADE

PLURAL YOUTH IN SCHOOL: (DES)ORGANIZING TIME AND SPACE
IN CONTEMPORARY

Elisabete Maria Garbin

Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ensino e Currículo e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS – Brasil
emgarbin@terra.com.br

Rita Cristine Basso Soares Severo

Doutoranda em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Rede Pública Municipal e Estadual do RS, Porto Alegre, RS – Brasil
ritabasso@terra.com.br

RESUMO: Neste artigo oriundo de pesquisas no campo dos Estudos Culturais e estudos sobre juventudes contemporâneas temos como objetivo visibilizar e problematizar práticas juvenis que tensionam e deslocam espaços e tempos escolares contemporâneos. A pesquisa configura-se em estudo de cunho etnográfico e a principal ferramenta para a construção dos dados é o diário de campo que abarca registros fotográficos, entrevistas e conversas. Os sujeitos observados circulam em espaços escolares de duas escolas públicas de Porto Alegre/RS. No estudo dialogamos com autores como Bauman, Hall, Sibília, Maffesoli, Canevacci, Garbin, Xavier, dentre outros. O foco destacado é como a escola contemporânea se articula com esses tensionamentos, pois espaços escolares ganham novas linguagens e sensibilidades criando outros contornos para as relações interpessoais na escola. Logo, infere-se que na escola com toda a solidez construída na modernidade, no contexto contemporâneo, de modo controverso, busca-se, por meio de alguns fazeres pedagógicos, se reconfigurar.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços e tempos escolares. Estudos culturais. Juventudes.

ABSTRACT: In this article derived from researches in the field of cultural studies and studies on contemporary youth we aim to visualize and discuss youth practices that tension and move contemporary school spaces and times. The research sets up in ethnographic study and the main tool for the construction of data is the field diary that includes photographic records, interviews and conversations. The observed subjects circulate in school spaces of two public schools in Porto Alegre / RS. This study dialogues with authors such as Bauman, Hall, Sibília, Maffesoli, Canevacci, Garbin, Xavier, among others. It highlights the focus on how contemporary school articulates with these tensions because school spaces gain new languages and sensibilities creating other outlines for interpersonal relationships in school. Thus, it is inferred that the school with

all the solidity built in modernity, in the contemporary context, controversially search through some pedagogical doings reconfigure itself.

KEY WORDS: Cultural studies. School spaces and times. Youths.

1 Introdução

Este artigo é oriundo de pesquisas no campo dos Estudos Culturais e estudos sobre juventudes contemporâneas. Temos como objetivo visibilizar e problematizar práticas juvenis que tensionam e deslocam espaços e tempos escolares contemporâneos. A expressão (des)ordenados, destacada no título, indica algo ou alguém que está “fora da ordem”, que “borra a ordem”, ou “atrapalha a ordem”. “Ordem”, no sentido de disposição regular e metódica.

As questões indagadoras são: quando se pensa em espaços e tempos escolares e práticas que neles se realizam, é possível indagar que tipo de “ordem” estamos falando? Os fazeres pedagógicos da escola visam favorecer a “ordem”? Quem estaria “fora da ordem”? É possível pensar que nossos sujeitos-jovens-alunos são (des)ordenados? Suas práticas estão em desalinho com a “ordem do discurso escolar”? Registre-se que a escola como um local de caráter multicultural das sociedades contemporâneas opera com mecanismos e dispositivos pedagógicos que atuam nos processos de pertencimento dos jovens estudados.

Cumprir notar que estudos sobre juventudes ancorados na perspectiva dos Estudos Culturais têm indicado que os jovens transitam, deslocam-se, fazem movimentos alternados, negociam, fluem por entre várias posições de sujeitos, porém muitas vezes suas práticas esbarram nas estruturas sólidas da escola. O foco destacado é como a escola contemporânea se articula com esses tensionamentos, pois espaços escolares ganham novas linguagens e sensibilidades criando outros contornos para as suas relações interpessoais. Assim sendo, os achados iniciais conduzem a pensar que as práticas culturais juvenis na escola, hoje, escapam a algumas formas de captura, inquietam a segurança de nossos saberes, questionam o poder de nossas práticas e criam fendas nas nossas instituições. Pensar acerca dessas tensões não quer dizer que elas sejam “novas”. Muitas são as incertezas, visto que a escola contemporânea imersa no contexto de fluidez está frente

a (novos) sujeitos-jovens-alunos com outras formas de expressões que ora ameaçam e amedrontam, ora mobilizam para a mudança.

A juventude contemporânea tem-se caracterizado por suas diferentes culturas, que afloram em muitos lugares, ao mesmo tempo, como a da chamada Geração *Zapping*, Geração Digital, Geração Rede, Geração @, das características de nomadismos, da linguagem do “tipo assim”, da “parada animal”, dentre outras tantas nomeações. Diante destas premissas, urge que nos percebamos e também a nossos alunos e alunas como sujeitos de uma condição cultural que através de inúmeros investimentos nos modifica, transforma e constitui diferentes maneiras de ser e estar no mundo. Diretamente relacionados com a questão da globalização, os processos de realocizações sociais das novas e velhas produções simbólicas adquiriram importância no nosso cotidiano neste início de século, à temática da “desterritorialização”. Antes, as identidades estavam fortemente marcadas por questões de território – nações, regiões, bairros, clubes, escolas etc., entretanto, a explosão da mídia e os processos de desterritorialização contribuíram na marcação de produção de identidades. Sob tais argumentos, permitimo-nos provocar mais uma vez: é possível pensar que nossos sujeitos- jovens-alunos são (des)ordenados? Suas práticas estão em desalinho com a ordem do discurso escolar?

Valenzuela (1998) ao tematizar sobre as juventudes aponta para um conceito vazio de conteúdo se não for pensado a partir do contexto histórico e social. Ao longo do tempo a condição de ser jovem tem sofrido variações e não se podem definir as características dos jovens sem considerar seu campo de inter-relações. Para esse autor apenas no final do século XX os fenômenos juvenis foram ser estudados a partir das grandes mudanças sociais, econômicas e culturais. Se, em gerações anteriores, a vida adulta era ansiosamente esperada pelos jovens, hoje, cada dia mais, não somente se prolonga a condição juvenil no tempo, como não se verifica pressa ou desejo de assumir a condição adulta. Operamos aqui, com a expressão “condição juvenil” conforme o proposto por Dayrell (2007) que indica que *conditio* palavra de origem latina se refere à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida ou a sociedade, mas também se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim, para o autor existe dupla dimensão presente. Nas palavras do autor condição juvenil é:

O modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também a sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais: classe, gênero, etnia. (DAYRELL, 2007, p. 4).

Seguindo este eixo, nos propomos a discutir, nesta comunicação, algumas das práticas que tensionam os rituais da escola. A expressão ritual é aqui vista considerando regras e cerimônias que acontecem cotidianamente, o momento da entrada, a ocupação dos corredores e o tempo do recreio, a organização da sala de aula.

Pensar acerca dessas tensões, não quer dizer que elas sejam novas, que os sujeitos-jovens-alunos de outros tempos, já não as tenham feito. O foco destacado aqui é como a escola contemporânea faz interlocuções (ou não) com esses tensionamentos e se reconfigura a partir deles.

2 Percursos metodológicos

Para analisar práticas juvenis no espaço escolar e problematizar as negociações entre a escola e os sujeitos-jovens-alunos compreendemos que neste estudo necessitamos de ancoragem no conhecimento da etnográfica pós-moderna. Assim, nos reportamos a Gottschalk (1998) quando sugere que as estratégias montadas para se realizar uma pesquisa sejam práticas e em harmonia com o local e as pessoas com as quais se interaja e que melhor habilitem o pesquisador na prática de seu trabalho, desde que mantenha a ética. O estudo dialoga com autores como Bauman (1998), (2003), Hall (1997), Maffesoli (2006), Garbin (2006), Xavier (2003) dentre outros.

Salienta-se que ao refletir sobre as práticas dos sujeitos-jovens-alunos estamos fazendo um recorte, pois se trata de uma parcela de jovens que frequentam duas escolas públicas, entre 15 e 18 anos, e que pertencem às classes socioculturais desfavorecidas. Porém, mesmo se tratando de uma realidade específica, não significa que as questões que serão abordadas no limite deste estudo, não possam de alguma maneira ser vivenciadas por outros jovens de outras classes. Enfim, não podemos esquecer que, em uma sociedade cada vez mais global, muitos dos desafios dos jovens podem

ser os mesmos, ultrapassando as barreiras da classe social, o que amplia muito o campo de compreensão das práticas juvenis contemporâneas.

Nesta proposição, operamos com um referencial teórico que nos permite pensar as juventudes em uma dimensão mais ampla do que a simples idade cronológica, assim, cabe considerar que a condição de “ser jovem” na contemporaneidade não deve ser pensada fora do contexto histórico, social e cultural pelo fato de estas serem fluidas e cambiantes.

É importante salientar que os jovens destas duas escolas ocupam lugares socialmente diferentes, condição esta que, em partes, vai determinar as circunstâncias e possibilidades de ser e estar jovem no contexto contemporâneo. Apesar das condições culturais e sociais diferentes, temos observado que algumas relações que estes jovens estabelecem com a escola e entre si são bastante comuns e assim nos permitimos neste estudo apresentar o que nomeamos de algumas permanências. No percurso inicial deste estudo utilizamos como ferramentas para as análises, os registros fotográficos, entrevistas e conversas que foram constituídas no percurso das investigações.

3 Cenas analíticas – alguns olhares

3.1 Cena 1 – Da entrada na escola

Iniciamos a discussão analítica apresentando um excerto de Diário de campo:

13h20- Escola I

A companhia da escola soa, marcando o início do turno da tarde. Observa-se do portão que a maioria dos alunos é indiferente ao ruído que é tão alto que pode ser audível mesmo fora da escola. Eles se movimentam em um ritmo próprio, conversam, riem, ignoram as orientações das funcionárias e professoras que indicam que andem mais rápido, pois a aula já vai iniciar. Eles parecem alheios às recomendações e continuam percorrendo os corredores, sem pressa [...] (REGISTRO DE DIÁRIO DE CAMPO, abr. 2010).

Destacamos no excerto apresentado, o conflito com os horários instituídos pela escola. O horário de entrada e das aulas não é respeitado. Embora, a campainha soe, sinalizando o início das atividades, a maioria dos alunos é indiferente ao ruído, tão alto que é audível a muitos metros de distância. Os monitores e professores da escola circulam freneticamente por entre os alunos com a intenção de conduzi-los o mais rapidamente às salas de aulas, para que os corredores fiquem “organizados” e que se iniciem as atividades. Porém, nossa impressão é que um dos propósitos almejados pelos jovens é o de livrar-se do espaço e tempo institucional, para a constituição de uma espacialidade e temporalidade próprias. Eles andam pelos corredores, alguns com seus fones de ouvido, outros em grupos conversam e riem, outros ainda aguardam os professores para começar o movimento em direção às salas de aula, outros não vão para a sala, ficam pelos corredores, escadarias e pátio.

Uma reclamação frequente dos professores é a de que os alunos, quando estão na escola e mesmo dentro das salas de aula, gastam grande parte do tempo em brincadeiras e gozações. Estão sempre fazendo uso de seus artefatos tecnológicos portáteis, como *tablets*, celulares, *players* e *smartphones*, dentre outros, hoje comumente chamados de *gadgets*¹ no espaço das salas de aula. Muitas vezes é possível que, ao invés de prestar atenção às explicações dos professores, os alunos estejam ouvindo músicas, partidas de futebol, fazendo fotos, exibindo imagens de festas, entre outras condutas. Apesar de nem todos os alunos disporem de aparelhos celulares com todas essas tecnologias, elas acabam intervindo na dinâmica das aulas. A maioria dos alunos não chega a receber nenhuma ligação, mas esses aparelhos permitem a introdução não prevista pela escola de elementos voltados ao lazer e entretenimento, em um espaço que, tradicionalmente, foi projetado como o lugar da “ordem” e da “concentração”. Há, portanto, uma disputa entre espaço e tempo institucionais, que se pretende rígido e inflexível e as temporalidades fluidas dos jovens estudantes.

Os tempos da escola são controlados, entretanto, é possível observar que os jovens recriam espaços, alternam tempos e subvertem algumas regras da instituição. Tais transgressões têm criado, nos professores, a sensação de “descontrole”, de perda de autoridade, e as reclamações têm como fundamentação a indisciplina e o desinteresse dos alunos. Talvez, mais do que o interesse em analisar as causas dessas transgressões e rompimentos, parece que há entre professores urgência em retomar o poder de controle da ordem que, histori-

amente, foi instituído à escola. Destacamos, nos registros a seguir, a ocupação dos espaços na escola de Ensino Médio. Esses seriam os lugares onde esses jovens fazem investimentos de identidade, lugares onde as identidades se constituem, negociam umas com as outras, se aproximam, se identificam?

3.2 Cena 2 – Do recreio

Quando soa o sinal marcando o início do recreio, em 30 segundos, os corredores são inundados de vozes, risos, cores e estilos. São os jovens - alunos saindo das salas, muito mais velozes do que durante a entrada para as aulas. Em alguns minutos, os grupos vão se formando nas escadarias, próximos ao portão, no saguão de entrada da escola ao longo do pátio. O recreio acontece [...] (REGISTRO DE DIÁRIO DE CAMPO, maio, 2010).

Na direção de analisar a cena destacada, mencionamos o estudo de mestrado de Linck (2009) que, em suas análises, infere que o momento do recreio escolar, apesar de estar inserido num contexto institucionalizado, atrelado a um espaço específico e com tempo estabelecido, constitui-se em importante lugar de socialização, de tensionamentos, de processos de pertencimentos, que ultrapassam o espaço da sala de aula e do currículo formal. Por meio das práticas culturais ocorridas nesse período de recrear, pode-se observar um “borramento de fronteiras”, alguns “escapes” que permeiam esse espaço e tempo, local de produção e fortalecimento de identidades. Ao serem questionados por que se agrupam nesses lugares, os jovens argumentam que:

A galera vai saindo das salas e vai se juntando, pra ficar trocando figurinha, conversando, se arriando em alguém. Há o lugar? Bom! Cada um tem o seu! Os pagodeiros tocam lá na escada, a gente fica por aqui, chega um, chega outro [...] (NARRATIVA DE UMA GAROTA, 16 ANOS).

Bom! Nós ficamos por aqui tocando até que a vice-diretora venha nos colocar pra dentro, (risos). A escada é o melhor lu-

gar a gente vê quem entra e quem sai. Quem quiser vai chegando, estamos aqui pra se conectar! (NARRATIVA DE UM GAROTO, 15 ANOS).

Destacamos na fala destes jovens-alunos, o desejo que expressam de estar juntos. Estar juntos, pelo simples fato de gostarem uns dos outros. De gostarem das mesmas coisas. Maffesoli (2006) indica que, neste contexto de mudanças vertiginosas, percebemos novas formas de socialidades. O autor descreve a socialidade como agrupamentos urbanos contemporâneos nos quais as relações cotidianas se estabelecem fora do controle social, permitindo práticas que escapam do controle rígido. Não estamos afirmando que as relações desses sujeitos-jovens-alunos não passam por controles e vigilâncias. Queremos destacar que essas relações muitas vezes escapam aos controles e os jovens ocupam os espaços com práticas não previstas para a instituição, reconfigurando assim, os espaços. Um exemplo disso é a forma como os alunos ocupam a escadaria de acesso à entrada de uma das escolas observadas. Usar a escada para entrar na escola passa a ser um desafio a quem tem esse desejo, pois durante os 15 minutos de recreio ela é povoada por vários jovens. Ao lançar um olhar atento, é possível perceber que eles se juntam e se diferenciam pelas suas práticas ou estilos. Maffesoli (2006) propõe ainda, que:

As relações que compõem a socialidade constituem o verdadeiro substrato de toda a vida em sociedade, não só na sociedade contemporânea. São os momentos de despesa improdutiva, de engajamentos efêmeros, de submissão da razão à emoção de viver o estar junto que agrega determinado corpo social. Assim, é a socialidade que faz a sociedade, desde as sociedades primitivas com seus momentos efervescentes, ritualísticos ou mesmo festivos, até as sociedades tecnologicamente avançadas. (MAFFESOLI, 2006, p. 133).

Essas (novas) socialidades dizem respeito ao que Maffesoli (2006) refere como o novo tribalismo que está se tornando, nos grandes centros urbanos, um marcador nas relações sociais. Tribos bastante diferenciadas como os *punks* e góticos, *emos*, dentre outras, são exemplos desses grupos que se caracterizam pelo desejo de estar junto. Reúnem-se de acordo com

suas afinidades e interesses do momento. Não há outra finalidade a não ser, reunir-se. A proposição de Maffesoli (2006) é a de que esse paradigma venha substituir o paradigma do individualismo da modernidade. Essas novas tribos pós-modernas ou neotribalismos são caracterizadas pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. O autor também denomina esses agrupamentos como comunidades emocionais que remetem a uma paixão partilhada. A adesão a esses grupamentos é sempre fugaz. Não há um objetivo concreto para esses encontros que possa assegurar a sua continuidade. Trata-se de redes de amizades pontuais. Refere-se ao desejo de estar-junto. O que importa é o desejo de compartilhar emoções em comum. Essa cultura do sentimento tem como única preocupação o presente vivido coletivamente. O neotribalismo seria uma resposta a uma sociedade individualista e competitiva, em que a vivência em tribos abre a possibilidade de encontros afetivos, a criação de um espaço de dissidência e de um canal simbólico de expressão identitária.

Ainda no sentido de pensar as práticas de socialidades desses jovens-alunos, fazemos referência à seguinte fala de uma jovem de 15 anos: “A gente ‘tá’ sempre junto! Aqui na escola, no MSN, em todos os lugares. A gente faz tudo junto!” Apontamos que as relações de socialidades extrapolam o espaço real e adentram o espaço virtual. O senso de pertencimento é possível em virtude de uma territorialidade simbólica. É possível pensar o ciberespaço como um lugar que oportuniza o nascimento de novas socialidades, na interface entre corpo e computador, haja vista que não há dúvidas de que a internet se olharmos sob o foco das identidades, converteu-se num “laboratório” para a realização de experiências com as construções e reconstruções do “eu” na vida pós-moderna, porque, na realidade virtual, de certa forma moldamo-nos e criamo-nos a nós mesmos. Por tal, torna-se um “ímã” para jovens que a utilizam, inicialmente, como uma máquina de comunicar e instrumento de demarcação de fronteiras, tornando-se um objeto a ser incessantemente louvado, usado, teclado, enfim, acessado.

Tomando como aporte teórico Leitão (2006), considera-se que tais tecnologias podem reconfigurar as vivências em grupo que para esses jovens não se restringem aos momentos vividos na escola, no bairro, em *shopping* ou nas festas, mas ganha outros espaços que ultrapassam fronteiras e territórios geográficos. A comunicação entre os jovens ganhou novas linguagens e novas sensibilidades, criando, assim, outros contornos para as relações inter-

peçoais. Trata-se, de uma geração que está reinventando novas formas de ser e viver a partir das relações que estabelecem em outro espaço que podemos chamar de espaço virtual, realidade da internet, de ciberespaço entre outros. Esse espaço é, segundo Castells (2000 apud LEITÃO, 2006), desprovido de materialidade, embora seja dotado de realidade. É um espaço flexível, estruturado em redes, e com infinitos centros de comunicação, e serve como suporte para muitas das práticas sociais da atualidade.

Consideramos que as relações de socialidades que se estabelecem entre esses jovens poderiam ser tomados como práticas de amizade contemporânea. Para tanto, reportamo-nos a Ortega (1999) que faz referência às análises de Foucault (1997) sobre esta temática. Para Ortega (1999), a reflexão foucaultiana oferece certo contraponto às análises sociológicas sobre a amizade. Ele não se interessou tanto pelo caráter compensatório da amizade, como ela tinha sido pensada desde os gregos até a sociologia clássica. Foucault buscou olhar o caráter transgressivo que ela representa em relação às formas de relacionamento prescritas e institucionalizadas. Trata-se de um apelo à experimentação de outras formas de socialidade e de comunidade, sobretudo em alternativa aos modelos tradicionais de relacionamento. Em Foucault, a amizade

[...] não é vista como uma forma de relação e de comunicação além das relações de poder. A amizade representa antes um jogo agonístico e estratégico que consiste em agir com a mínima quantidade de domínio. Falar de amizade é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização [...] (ORTEGA, 1999, p. 157),

o que nos parece pertinente pensar a partir das narrativas dos sujeitos-jovens-alunos mencionadas anteriormente.

3.3 Cena 3 – Das salas de aula

Para pensar a sala de aula em sua materialidade, a seguir, apresentamos um excerto de diário de campo onde descrevemos uma observação realizada no espaço de uma sala de aula das escolas envolvidas na pesquisa.

Sala de aula, 10h3min, após tocar o sinal de retorno do recreio. Lugares vazios em frente à mesa da professora. Classes dispostas em fileiras, entretanto, alunos sentados de lado. Sentados de costas para a mesa da professora. Sentados com os encostos das cadeiras entre as pernas. Somente as classes parecem organizadas, pois os corpos que a ocupam, tomavam formas filas ‘tortas’ para poderem conversar e interagir. A professora inicia a aula mesmo com os alunos e alunas conversando, ou escutando música, ou teclando no celular. Alguns alunos estão de costas para o quadro. Em algum momento, a professora diz, em tom profético, ‘Assim vocês nunca vão passar no vestibular se não aprenderem a escrever uma dissertação’ e continua explicar para alguns poucos alunos que parecem interessados nos passos de uma dissertação para o vestibular. (EXCERTO DE DIÁRIO DE CAMPO, maio 2011).

Sem adentrarmos nas discussões – e nem por isso menos pertinentes, mas não foco desta comunicação – sobre currículo cultural e todas as variações deste rico tema, descrevemos a cena para discorrer, na sequência, do que foi destacado por Rocha (2000), que a sala de aula como a conhecemos hoje não tem nada de natural, ela é certamente uma construção histórica com propósitos e objetivos específicos. A sala de aula tem muitos elementos, não apenas alunos, alunas e professores, mas a sua arquitetura, as classes, o quadro, os armários, as paredes; enfim, tudo isso marca, como já mencionado anteriormente, um modo de ser e de pensar a escola e a educação.

Além dos aspectos arquitetônicos, a sala de aula implica uma relação de comunicação entre os sujeitos. Há o lugar de quem fala e o lugar de quem escuta. É certamente uma comunicação hierárquica. Sabemos também que é uma relação que não está pautada simplesmente no saber, que não se trata apenas de quem sabe mais, mas se estabelece uma relação de poder, o professor é quem está autorizado a falar, aos alunos cabe escutar.

Assinala-se também nesta cena é que esse poder não é absoluto, uma vez que esses jovens-alunos mencionados de alguma forma transgridem as regras, com seus corpos e sua postura em relação à professora. Tacitamente se estabeleceu um acordo entre alunos e professora: eles não faziam muito barulho e ela não lhes chamava a atenção. Eles ocupavam aquele es-

paço, mas certamente estavam atribuindo outro significado para aquele momento. Eles estavam ali trocando afetos, risos e vivências alheios à aula de Redação e Expressão. Nessa direção, o lugar da sala de aula, ocupado pelos sujeitos-jovens observados e descritos nesta comunicação, referem-se a “[...] uma porção culturalizada do espaço, isso é, um espaço ao qual se atribui [culturalmente, ou seja, por meio da prática e de marcadores culturais] determinados significados que, de certa maneira, acabam conferindo uma identidade a tal espaço [...]” (VEIGA-NETO, 2006, p.1). Nesse sentido, assim o autor argumenta:

Na Modernidade, o espaço e o tempo são percebidos, significados e usados como abstratos, contínuos e infinitos; além disso, a separação medieval entre um *espaço interno* (rígido, sensorial, de todo percorível) e o *espaço externo* (fluido, desconhecido, misterioso) deu lugar a uma nova separação: entre *espaço* e *lugar*. Na Modernidade, chamamos de *lugar* a esse cenário onde acontecem nossas experiências concretas e imediatas; o lugar é cada vez mais entendido e vivido como um caso particular, uma projeção, de um espaço idealizado e abstrato. (VEIGA-NETO, 2003, p. 85, [grifos do autor].

Segundo Foucault (1997), para que o poder atinja a todos de maneira minuciosa, é preciso que os corpos estejam distribuídos no espaço e essa distribuição deve ser econômica, os corpos não devem estar dispersos. Tal conformação é visível nas imagens destacadas que mostram a organização e disposição das classes. Em consonância com esses autores, Rocha (2000) considera que a conformação dos espaços e das maneiras de ser e agir neles está diretamente relacionada à delimitação, à distribuição e à utilização destes espaços. Para a autora, é possível estabelecer uma relação entre os espaços escolares e as pedagogias utilizadas. A organização destes espaços permite compreender o tipo de escolha pedagógica que se faz. Os espaços refletem os objetivos pretendidos, as posturas privilegiadas, as práticas realizadas.

Ainda conforme Rocha (2000), as ações disciplinares, as de controle e as de vigilância promovidas pela escola, mesmo que diferentes entre si produzem corpos educados, dóceis, classificados, esquadrinhados e enfi-

leirados. Entretanto, pudemos perceber nas salas de aula observadas certa tensão e até uma ineficácia das formas de controle exercitadas pelos professores, pois estes usam argumentos tais como: as notas finais, a construção de um futuro melhor que se realizará mediante ingresso na universidade ou no mercado de trabalho. É possível pensar que estes argumentos foram plausíveis em outro cenário cultural.

3 Costurando as cenas - algumas considerações

Sujeitos-jovens-alunos “fora da ordem”? Ou “fora da ordem do discurso escolar”?

“Fora da ordem” seria fugir das probabilidades incansavelmente planejadas, burlando as fronteiras e os limites produzidos? (BAUMAN, 1998). A multiplicidade de sujeitos-jovens que povoam as escolas estaria “desordenando” esse espaço, tradicionalmente ligado ao “ensino-aprendizagem”? Esses sujeitos estariam “fora da ordem”? (Des)ordenados?

Apesar de estarem ainda muito distantes do reconhecimento conferido aos espaços familiares e escolares – considerados efetivamente, como lugares onde se dá a educação dos sujeitos –, nas comunidades de pertencimento os jovens não apenas atribuem significados aos seus fazeres individuais e coletivos, como compartilham dos mesmos, produzindo-se no interior destas relações. Tal assertiva nos convoca a olhar de outros modos para estes processos de pertencimento juvenis, desafiando-nos a pensar em novas pedagogias como condição necessária para operar nesses novos tempos e espaços em que expressividades juvenis são constantemente (re)inventadas.

Como, então, a escola pode escutar e mobilizar esses aprendizados no seu cotidiano?

A dissonância talvez esteja na forma como os professores percebem o futuro, como tempo que há de vir, algo a ser construído a partir da solidez, do esforço contínuo e do trabalho árduo. Cabe ressaltar que os sujeitos jovens-alunos com os quais nos deparamos na escola todos os dias, vivem e viveram a maior parte de sua existência no tempo entendido como condição pós-moderna. Para eles, aprender com a experiência, agir conforme estratégias que tiveram sucesso no passado, não é uma posição possível, pois, como afirma Bauman (2005), na vida pós-moderna nada pode per-

manecer em um mesmo curso por muito tempo, nada poder perdurar até que vire rotina ou hábito, e a noção de futuro, constituída na modernidade se esvai frente ao presenteísmo.

Sabe-se que o cânone dos currículos escolares, em sua maioria, sustenta e reproduz saberes legitimados. Entretanto, a literatura vem mostrando que além das instituições responsáveis pela educação escolarizada, crianças e jovens constituem suas identidades através de consumos culturais, os quais produzem, interpelam, subjetivam, disciplinam, regulam e ensinam modos dos sujeitos a ser/estar no mundo, através de artefatos e práticas produzidas culturalmente. Para os jovens do século XXI, dada a centralidade das tecnologias digitais, por exemplo, nas quais foram nascidos e criados conectados à rede, a comunicação com outros passa a ser base de quase todas as suas relações.

Efetivamente, se no passado, as relações de amizade se perdiam devido a distâncias e a falta de comunicações mais efetivas, nas comunidades virtuais, as relações estabelecidas ou restabelecidas a distância, acabam por criar novas atitudes e comportamentos, forjando novas identidades no que diz respeito aos sujeitos contemporâneos; e repensar a identidade em tempos de globalização é repensá-la como uma identidade multicultural que se nutre de vários repertórios, valores, discursos e forças. Os jovens trazem em suas narrativas de qualquer ordem, o que aprendem (ou aprenderam) como a solidariedade, o humanismo, a amizade, mostrando desse modo, o (com) partilhamento de significados implicados nos processos de sociabilidade que se dão nos espaços virtuais. A escola é apenas uma das instâncias que oportuniza os processos de “ensinagem” e que poderia exercitar uma escuta mais aguçada dessas efêmeras cenas juvenis que se desenrolam também dentro dela. Fato evidente é que os jovens buscam muito mais os espaços de lazer do que os adultos (talvez, também, por desfrutarem de mais tempo “livre”...). Além do mais, tais espaços aparecem como um lugar onde se pode desfrutar de certa autonomia, em contraste com a autoridade adulta dominante em outras esferas da vida dos jovens [família, escola, trabalho].

Nota

- 1 *Gadgets* – termo utilizado para artefatos tecnológicos de conectividade e comunicação.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelle Gama. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas Extremas – mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Tradução de Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DAYRELL, Juez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade* [online]. 2007, v. 28, n.100, p. 1105-1128. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 14 dez. 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes 1997.
- GARBIN, Elisabete Maria, (2001). www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br – um estudo de chats sobre música da Internet. *Tese de Doutorado*. Faculdade de Educação da UFRGS.
- GARBIN, Elisabete Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. In: Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*. V. 23. Mai/jun/ago, Rio de Janeiro: Autores Associados, 2003. p.119-135.
- GARBIN, Elisabete Maria, Se Liga!! Nós estamos na Escola!! - Drops sobre culturas juvenis contemporâneas. *Jornal NH*, Caderno Cultura NH na Escola. Novo Hamburgo: setembro, 2005.
- GARBIN, Elisabete Maria. Cenas Juvenis em Porto Alegre: Lugarizações, nomadismos e estilos como marcas identitárias. In: SOMMER, Luis Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs). Educação e cultura contemporânea – articulações, provocações e transgressões em novas paisagens. Canoas: Editora da ULBRA, 2006, p.199-215.
- GARBIN, Elisabete Maria. Efemeridades E Liquidez Nas Práticas Culturais Juvenis. In: Revista Pátio – Ensino Médio, série Culturas Juvenis. Ano II - junho/agosto 2010. Numero 5, Porto Alegre: ARTMED, 2010, p.10-13.
- GOTTSCHALK, Simon. Postmodern sensibilities and athnographic possibilities. Tradução de Ricardo Uebel. In: BANKS, Anna; BANKS, Stephen P. (orgs). *Fiction and social research: by ice or fire*. Walnut Creek/ London/ New Delhi: Altamira Press, 1998.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação e realidade*, Porto Alegre: FACED/ UFRGS, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997.
- LEITÃO, Carla Faria. Inventando novas vidas em novas realidades. In: ALMEIDA, Maria Isabel de; ROCHA, Everardo; EUGENIO, Fernanda (orgs). *Comunicação, Consumo e Espaço Urbano*: novas sensibilidades nas culturas jovens. Rio de Janeiro: PUC/RIO, Mauad Editora, 2006, p.71-87.

LINK, Rosane Speggorin. *Hora do recreio! : processos de pertencimentos identitários juvenis nos tempos e espaços escolares*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Dissertação de Mestrado, 145p. 2009.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1999.

ROCHA, Cristiane Maria Fammer. *Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise psicológica. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs.). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

VALENZUELA, José Manuel, Identidades juvenis. In: CUBIDES, Humberto J., TOSCANO, María Cristina Laverde, VALDERRAMA, Carlos Eduardo H., (ed.) *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Série Encuentros, Fundación Universidad Central, Santafé de Bogotá: Paidós, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império*. In: Figuras de Foucault / organizado por Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.VEIGA-NETO, Alfredo. 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Informações sobre conceitos de lugar/espaço/território. [Mensagem pessoal] Mensagem recebida por <emgarbin@terra.com.br> em 21 de julho de 2006.

XAVIER, Maria Luiza Merino. *Os incluídos na escola: o disciplinamento nos processos emancipatórios*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

Recebido em 29 abr. 2013 / Aprovado em 20 jul. 2013

Para referenciar este texto

GARBIN, E. M.; SEVERO, R. C. B. S. Juventudes plurais na escola (des)ordenando tempos e espaços na contemporaneidade. *EccoS*, São Paulo, n. 31, p. 67-82. maio/ago. 2013.